

LETRAS EM LUTA

Para os 14 500 estudantes envolvidos, há que passar das letras aos actos



O actual movimento dos estudantes de Letras não é pontual. A situação nunca se traduz no instante, ao motivo ou ao acontecimento jornalístico. Aqui, é a estrutura geral do País que joga: um país que agora mendiga à CEE sobrevivência mas não lhe querendo dar sequer a honra de uma presença viva — deglutimos as esmolas comunitárias sem as usar para o nosso crescimento ou para qualquer actividade digna. Frente a uma situação de geral atraso cultural, técnico e económico, vamos respondendo às exigências de uma Europa madura com o esconder da fruta podre, o castrar da que está verde e a interdição ao seu cultivo. É ser tacho, parolo ou ignorante, responder com a necessidade de satisfação pragmática da crise, para justificar o abandono do fomento cultural: nunca foi em países iletrados que se consolidaram estruturas sociais e económicas equilibradas. O analfabetismo, a mortalidade infantil e as doenças infecto-contagiosas são índices e andam de par não só com a miséria e uma situação laboral opressiva e alienante, mas também com uma situação cultural em que os universitários são confrontados com a falta geral de condições de formação e apoio e de saídas tanto intelectuais quanto profissionais.

Estamos na cauda de Eu-

ropa em tudo aquilo que é vergonhoso — e não só em relação à Europa comunitária. Não fora o bocadinho europeu da Turquia e seríamos o tanto mais negro da retrete da casa europeia — pois que somos senão simples dejectos incómodos, repugnantes e depressivos, se consideramos sistematicamente como utópicas todas as hipóteses de real desenvolvimento? — Se receamos intentar conseguir o que há muito é realidade em todo o resto do continente?

Nos últimos anos, a situação em Letras tem-se degradado a um grau insustentável. Já neste ano lectivo, repetiu-se a falta acostumada de assistentes universitários e, já então, foi necessário lutar para, simplesmente, ter aulas. Mas a situação é mais negra: falta de instalações, aulas superlotadas, avaliações lineares e esquizóides, métodos salazaristas, prepotências pedagógicas, assistências social inexistente ou ridícula, departamentos ineficientes, burocracia excessiva, carência de material de investigação, bibliotecas de nível liceal, institutos desorganizados e deficientes, esquemas de organização primários ou medievais, material de nível pré-informático inutilizável, etc., etc., etc. Frente à sedimentação desta ruralidade cultural, que faz o poder?



Reduz, mais uma vez, as possibilidades de progresso, aumentando o afunilamento selectivo duma formação educacional já quase inexistente.

Temos a maior taxa europeia de insucesso escolar e a menor de académicos e docentes em exercício. Temos escolas degradadas e professores provisórios mal formados. Temos, só na área de Letras, especialmente em História e Filosofia, quase uma



dezena de milhar de não colocados. A CEE exige a profissionalização geral dos docentes, correspondente a um desenvolvimento consentâneo das condições educacionais. O Governo, apesar das indicações e verbas da CEE, responde com uma profissionalização restringida, ameaçando o afastamento da docência a maioria dos futuros licenciados de Letras e em nada implementando a criação de infra-estruturas de educação. E não só em Letras: também no ISEL, em Medicina e no ISEF (para não falar nas Belas-Artes, nos ISCA's, em Direito e no ISE). Também é para satisfazer os condicionamentos da crise que os engenheiros são rebaixados ao nível de um secundário elevado? E em Medicina? Há especialistas a mais? Se não, para que os numerosos **clausus** nos acessos profissionais? Queremos bater mais uns tristes recordes eu-

ropous de patologia geral? Que tal mais uns sócios para a APD por indevido ou tardio tratamento? Não temos o essencial para a educação dos educadores físicos, nem sequer o básico para praticar desporto, mas temos as medalhas de Los Angeles e os grandiosos estádios (financiados parcialmente por estruturas estatais) dos já grandiosos clubes — onde pode haver desporto popular? — quais as estruturas de desporto juvenil? — qual a saúde possível neste País? — Em jeito de metáfora, se nem camas temos para a falta de vigor instituída, como dispensar qualquer ajuda tanto a/de os homens que o poderão desenvolver, como de/a aqueles que poderão remediar ou ir remediando a sua falta? Pelos vistos, não é só a mente que se pretende anclar — é também o corpo, especialmente o corpo, sempre, sempre — o corpo.

Será talvez ao corpo que também as Letras terão de recorrer, dispondo-se frontalmente em protesto em pólo ao manifesto. Mas Letras visa ainda mais: insiste num empenhamento na reforma da sociedade portuguesa e convida todos aqueles que queiram forçar a sua implementação a acompanhá-las. Nada pode ser visto isoladamente: tanto um movimento académico geral como a coordenação com os interesses do secundário, dos docentes e, mais em geral, de todos os cidadãos deste País, são tão possíveis quanto desejáveis. — E, é claro, já há quem não consiga estar quieto na sua cadeira almofadada. Já há quem se incomode. Pois — em Letras, no País, agora... algo começa.

Joaquim N. Narciso

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflicto-estudantes